

Bora pesquisar padrões de uso convidativo do português contemporâneo do Brasil?

Shall we research patterns of invitational usage in contemporary brazilian Portuguese?

Mariangela Rios de Oliveira*
José Jorge Gomes de Sá**

RESUMO

Neste artigo investigamos expressões que atuam na formulação de convite que locutores fazem a interlocutores em suas interações cotidianas em torno do constituinte *bora*. Com base no Funcionalismo aliado à abordagem construcional, na linha de Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2021, 2022), entre outros, assumimos que tais expressões são instâncias da construção [bora (X)] e se dispõem num *cline* de vinculação semântico-sintática, chegando à convencionalização do marcador pragmático social convidativo codificado como [bora (X)]_{MPSconvid}. A partir de contextos de uso das redes sociais *Instagram* e *X*, analisamos 405 dados que se distribuem em seis padrões convidativos, na demonstração de como o português contemporâneo do Brasil instancia a construção [bora (X)] e de como sequências menos monitoradas, mais informais e com simetria entre os interlocutores motivam tais usos.

Palavras-chave: construção convidativa, marcação pragmática, usos linguísticos, elemento *bora*.

Recebido em 13 de abril de 2025.

Aceito em 30 de julho de 2025.

DOL: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n70.1480>

* Universidade Federal Fluminense, mariangelariosdeoliveira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

** Colégio Pedro II, jj.professor.letras@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-3294-7546>

ABSTRACT

In this article, we investigate expressions used to formulate invitations that speakers direct to their interlocutors in everyday interactions, focusing on the constituent *bora*. Drawing on Functionalism in conjunction with a constructional approach, following the work of Traugott and Trousdale (2013) and Traugott (2021, 2022), among others, we assume that such expressions are instances of the construction [bora (X)] and are arranged along a cline of semantic-syntactic bonding, culminating in the conventionalization of a social pragmatic marker of invitation, encoded as [bora (X)]_{MPSconvid}. Based on usage contexts from the social media platforms *Instagram* and *X*, we analyze 405 occurrences distributed across six invitational patterns, illustrating how contemporary Brazilian Portuguese instantiates the [bora (X)] construction and how less monitored, more informal sequences with greater symmetry between interlocutors motivate such uses.

Keywords: Invitational construction, pragmatic marking, language use, *bora* element.

Introdução

À luz do Funcionalismo linguístico aliado à abordagem construcional da gramática, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, investigamos neste artigo um grupo específico de expressões convidativas integradas pelo elemento *bora*. Esse grupo apresenta distintos níveis de vinculação semântico-sintática entre seus constituintes e, em estágios mais avançados de vinculação, pode chegar à convencionalização de marcadores pragmáticos (MP) de subtipo social (MPS), como assumidos por Traugott (2021, 2022), conforme ilustramos nos exemplos a seguir. Estamos nos referindo a usos em contextos como os seguintes, extraídos, respectivamente, das redes sociais *Instagram*¹ e *X*² (antigo Twitter):

(1) Comida liberada hj!! **bora comer!!** Quero todo mundo lá! (Instagram @brunosiqueira)

1 Disponível em: <https://www.instagram.com/>

2 Disponível em: x.com

(2) Tá lindo ou não está?

Então **bora lá!** (<https://twitter.com/oficialguf/status/1615475377966653450>.

Acesso em: 22 jan. 2023).

Como podemos observar nos fragmentos (1) e (2), as expressões assinaladas atuam como uma só declaração pela qual o locutor faz convite a seu(s) interlocutor(es), em contextos marcados por informalidade, maior simetria e menor monitoramento. De acordo com Traugott e Dasher (2002), nesses usos, *bora comer* e *bora lá* atuam como mecanismos de proposição inferencial no nível pragmático-discursivo. Assim articulados, *bora comer* e *bora lá* operam um tipo de contato social por intermédio do qual o internauta propõe que seus seguidores aceitem o convite veiculado.

Partimos da hipótese de que as expressões de função convidativa em torno de *bora* no português contemporâneo do Brasil distribuem-se numa escala semântico-sintática cujo ponto de chegada é o cumprimento da marcação pragmática social de subtipo convidativo. Assim, essa escala pode variar, de acordo com o convite feito: se existe deslocamento (físico ou virtual) para um lugar específico ou se existe um pedido de atenção apenas, por exemplo; se a proposta é dirigida a um interlocutor universal ou mais individualizado; se há a presença de um ou mais interlocutores, além de outros fatores que podem impactar a vinculação de sentido e forma dos padrões pesquisados.

A fim de testarmos nossa hipótese, objetivamos levantar, descrever e analisar os padrões de uso de função convidativa no português contemporâneo do Brasil, testando seu nível de vinculação de sentido e forma em contextos específicos a partir do elemento *bora*. Nossa abordagem é sincrônica e adota o método misto, com base em Cunha Lacerda (2016), aliando o viés qualitativo e quantitativo na análise dos dados.

Em termos teóricos, pautamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), na conjugação de pressupostos funcionalistas e construcionistas, tais como são apresentados no Brasil por Rosário (2022, 2023), Rosário e Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre

outros. Sob essa perspectiva, nossos objetos de análise são tomados como construções, ou seja, como pareamentos simbólicos de conteúdo e forma (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001), instanciados na língua como construtos, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Para dar conta de nossos propósitos, este artigo se distribui em três seções principais. Na primeira, nos dedicamos à classe dos MPS, conforme postula Traugott (2021, 2022), que os considera na perspectiva funcional-construcional; nessa seção também tecemos considerações sobre *embora*, que é o termo nuclear dos padrões de uso pesquisados em torno de *bora*. Na segunda seção, apresentamos a base teórico-metodológica que nos orienta, a partir dos pressupostos da LFCU, fundada na concepção de nossos objetos de pesquisa como instâncias de construção. A terceira seção é dedicada à análise dos dados, na qual testamos nossas hipóteses e apresentamos os resultados da investigação qualiquantitativa. Encerramos o artigo com as considerações finais a partir dos resultados obtidos, na sugestão da continuidade da pesquisa em viés histórico. Trazemos ainda a lista das referências citadas ao longo do texto.

1. Objetos de pesquisa

A fim de tratarmos de nossos objetos de pesquisa, subdividimos esta seção. Na primeira parte, nos dedicamos à ampla e híbrida classe dos MP, tal como assumida por Traugott (2021, 2022). Na segunda parte, focalizamos o termo *embora*, uma vez que se trata do constituinte central das expressões convidativas em análise.

1.1. A classe dos MP do português contemporâneo

Os MP fazem parte de uma categoria atuante no nível pragmático da língua, não tendo sido alvo de descrição e análise mais efetiva nos compêndios gramaticais. Sua definição também não é consensual, razão pela qual são

variados os rótulos que têm recebido no campo dos estudos linguísticos, como: a) *marcadores pragmáticos*, em Fraser (1988); b) *pontuantes*, em Vincent, Votre e Laforest (1993); c) *elementos discursivizados* ou *desgramaticalizados*, em Martelotta, Votre e Cezario (1996); d) *adverbiais de ligação*, em Biber et al. (1999); e) *suplementos*, em Huddleston, Pullum e Peterson (2002); f) *marcadores conversacionais*, em Ilari (2002), entre outros.

Mais recentemente, em abordagem funcional-construcional, Traugott (2021, 2022) nomeia essa classe de MP, definindo-a como uma ampla e híbrida *categoria guarda-chuva*. Segundo a autora, trata-se de um grupo de constituintes portadores dos seguintes traços, em termos gerais: não têm valor de verdade, cumprem função procedural, são multifuncionais e intersubjetivos, estão fora do eixo sintático, apresentam mobilidade relativa, são compostos por estrutura leve e costumam ser demarcados prosodicamente.

A definição da autora vai ao encontro do que postulam Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para esse grupo de constituintes. Segundo os pesquisadores, trata-se de uma categoria portadora, ao menos, de quatro propriedades básicas: (a) baixa transparência semântica; (b) independência sintática; (c) especificidade prosódica; d) relacionamento de um enunciado à situação do discurso, ao papel dos interlocutores ou aos seus propósitos comunicativos.

Conforme Traugott (2021, 2022), os MP podem ser subdivididos em três grandes grupos, a partir de propriedades semântico-sintáticas mais específicas, conforme a Figura 1:

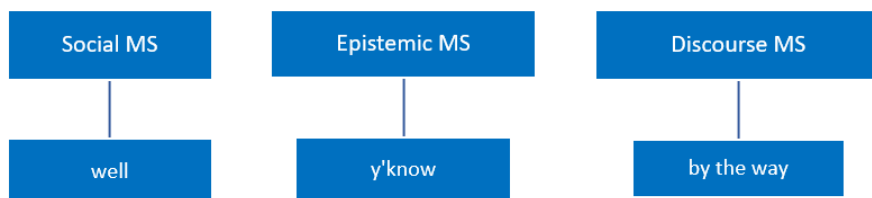


Figura 1: Taxonomia dos marcadores pragmáticos (Traugott, 2021, p. 4)

De acordo com a Figura 1, os MP se distribuem em três tipos. Os MP sociais atuam no nível da negociação de sentidos entre os interlocutores, com foco na orientação discursiva em jogo; nesse grupo, se situam os padrões de uso convidativo como os aqui analisados. O segundo subgrupo apontado pela autora articula sentido epistêmico, com atuação ao nível das crenças e atitudes veiculadas na interação. Já o terceiro conjunto fornece dicas de contextualização e instruções de processamento sobre como interpretar relacionamentos entre declarações antecedentes (D1) e subsequentes (D2).

Na Figura 2, a seguir, propomos uma correspondência entre a taxonomia de Traugott (2021), elaborada para o inglês, e o elenco de MP da língua portuguesa, tal como:

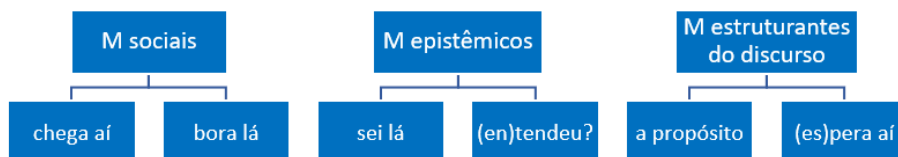


Figura 2: Taxonomia dos marcadores pragmáticos do português contemporâneo

Fonte: Elaboração própria

Como podemos constatar, a classe de MP do português é passível de classificação a partir da proposta de Traugott (2021). Os MP de tipo social convidativo são objeto de pesquisa de Fonseca (2023) e Oliveira e Fonseca (2023), por intermédio da investigação histórica de *chega aí* e *vem cá*; Sá (2024) também registra trabalho nessa área, com base nos MPS em torno de *bora*. Em relação aos MP de tipo epistêmico, *sei lá* tem sido objeto de investigação de Oliveira e Correa (2024) e Correa (2025). Quanto aos MP estruturantes do discurso, Rosa (2019), por exemplo, levanta, descreve e analisa o subgrupo dos refreadores-argumentativos, como *espera lá*, *calma aí* e *segura lá*, entre outros.

Na pesquisa brasileira, os MPS podem ser tomados como *marcadores discursivos* de tipo *basicamente interacional*, nos termos de Risso, Silva e Urbano (2015). Para os autores, esse grupo é caracterizado pela proeminência da função textual-interativa, voltada para a negociação inferencial entre os interlocutores. No caso específico de nossos objetos de pesquisa, a referida função reside precipuamente no convite que é sugerido pelo internauta e aceito ou inferido por seus seguidores, tal como ilustrado nos fragmentos (1) e (2), na parte introdutória deste artigo, e exemplificado a seguir:

(3) Eu acho que fazia tempo que não ficava tão dolorido de treino, tô só o pó. Mas **bora lá**, tentar correr (<https://twitter.com/leolinhars>. Acesso em: 30 jan. 2023).

(4) Bom dia, meus queridos! **Bora viajar?** Estaremos em São Paulo pelos próximos dias na cobertura da Copa. Coisa boa vem por aí...👀 (<https://twitter.com/lucasolivs>. Acesso em: 23 jan. 2023).

Em (3) e (4), destacam-se MPS de tipo convidativo. Trata-se de *chunks* (Bybee, 2010), como sequências de constituintes altamente vinculados em termos de conteúdo e forma, cumpridores de uma só função, ao nível pragmático-discursivo. Com *bora lá* e *bora viajar*, o locutor convida seus seguidores, como os *meus queridos*, em (4), para que aceitem sua sugestão: treinar ou malhar, em (3), e viajar, em (4). Na verdade, em (4), trata-se mais de um modo interativo e informal de dizer que o internauta estará em São Paulo do que um convite para que seus seguidores o acompanhem. De fato, nossos objetos de pesquisa não denotam um convite prototípico, um chamamento que traz o interlocutor para perto do locutor, mas um convite para que os interlocutores sigam na mesma direção da rota discursiva proposta.

1.2. A palavra *embora* no português

O termo *bora* é explicado por meio da erosão da palavra *embora*, que tem a sua origem na expressão *em + boa + hora*. Esse processo de perda estrutural e desbotamento semântico é um fenômeno comum na rota de mudança linguística, em que palavras e expressões são reelaboradas ao longo do tempo devido à frequência e à rotinização dos usos (Bybee, 2015). Segundo Hopper e Traugott (2003), trata-se de um tipo de mudança que pode ser vista como uma adaptação funcional da língua, visando atender às necessidades pragmático-discursivas dos usuários.

Coutinho (1976, p. 268) mostra a expressão latina *in bonã horã* como origem da forma *embora*. Said Ali (1971, p.189), também em perspectiva histórica, sinaliza que essa expressão latina era comumente usada com frases imperativas e optativas para indicar “um melhor momento”, como em *Que dissesse em boa hora o que lhe aprouvesse*. Silva (2009) constata que, para começar algo importante, era fundamental escolher a *boa hora*, por isso se usava com bastante frequência esta locução adverbial.

No caso de *bora*, a erosão reduz esforço articulatório e, de outra parte, preserva e enfatiza traços semânticos originários de convite e prontidão para agir, conforme prevê o subprincípio funcionalista de *persistência* de Hopper (1991), que diz respeito à manutenção de traços do significado original dos elementos linguísticos no caminho da mudança gramatical. Trata-se de um exemplo de como a língua se adapta continuamente às necessidades dos seus usuários, mantendo-se funcional. Conforme Bybee (2010), assumimos que a língua é um sistema adaptativo complexo, em que léxico e gramática estão em constante interação e ajustes, suscetíveis às demandas interativas da comunidade linguística.

Considerando que *bora* se origina da forma *embora*, trazemos o quadro a seguir, com acepções de dicionários e gramáticas a respeito do referido termo:

FERREIRA (1975, p.509)	Menciona quatro categorias gramaticais para o <i>embora</i> : advérbio, conjunção, preposição e interjeição. Também menciona o emprego como partícula de realce.
AZEREDO (2008, p.296, p.333 e 334)	Apesar de apresentar a palavra <i>embora</i> somente como conjunção adverbial, descreve as possibilidades dessa categoria de ser um transpositor formador de sintagmas.
HOUAISS (2009, p.364)	Apresenta apenas as classes advérbio e conjunção concessiva; especifica também o tipo de conjunção.
BECHARA (2009, p.327; 497)	Não trata especificamente da palavra <i>embora</i> ; apenas a cita como exemplo de conjunção adverbial e como elemento conector que inicia as orações adverbiais concessivas.
CUNHA (2010, p.240)	Apresenta as mesmas duas classes do Houaiss, porém, por ser um dicionário etimológico, menciona a origem <i>em boa hora</i> e os séculos XV e XVI como primeiras ocorrências.
ROCHA LIMA (2010, p.237)	Aborda a palavra <i>embora</i> como uma conjunção subordinativa concessiva; apesar de não mencionar outras classificações, registra a palavra <i>embora</i> com ideia de afastamento em vários exemplos ao longo da obra.
CEGALLA (2010, p.262, 289 e 291)	Assim como a maioria dos gramáticos tradicionais e adotados no ensino básico, menciona o <i>embora</i> como conjunção concessiva e como palavra denotativa, fazendo a ressalva de que esta não pertence às classes gramaticais.
MICHAELIS (2016, on-line)	Advérbio, conjunção e interjeição são as classes apresentadas. Não sinaliza a especificidade da conjunção, apesar de ficar clara a ideia de concessão através das locuções apresentadas.
NEVES (2018, p.959)	Apesar de o foco ser as orações concessivas e suas possibilidades sintático-semânticas, Neves assevera que a conjunção <i>embora</i> se mantém com as características do funcionamento dos advérbios, como, por exemplo, sua mobilidade posicional na oração.

Quadro 1: Registro de *embora* em dicionários e compêndios gramaticais
(Sá, 2024, p. 17)

A partir das aceções sumarizadas no Quadro 1, depreendemos que a palavra *embora*, erodida como *bora* nas expressões convidativa em análise

neste artigo, não preserva mais traços de valor concessivo ou de contraste, o que aponta a mudança semântico-pragmática ocorrida nestes usos. Essa mudança ocorre no movimento migratório do nível morfossintático para o nível pragmático-discursivo, uma vez que nossos objetos de pesquisa, nos padrões mais avançados de pareamentos semântico-estrutural, em que passam a funcionar como MPS, se situam fora do eixo sintático, sem valor de verdade e em prol da negociação de sentidos intersubjetivos.

Tal condição evidencia a gradiência dos usos linguísticos, como assume Bybee (2010), uma vez que convivem, no português contemporâneo do Brasil, usos mais antigos de *embora*, como o conjuntivo e o adverbial, ao lado de padrões mais recentes, como os aqui pesquisados. Consideramos a hipótese de que o uso convidativo de *bora* seja advindo de uma trajetória de mudança da expressão *vamos embora* no português, mas somente uma pesquisa histórica, na detecção de micropassos contextuais de alterações metafóricas e metonímicas, poderá atestar tal postulado, o que está fora do escopo deste artigo.

2. Fundamentos teórico-metodológicos

A base teórica que sustenta nossa pesquisa parte dos fundamentos da LFCU, na conjugação de pressupostos funcionalistas e construcionistas, como apresentados seminalmente em Traugott e Trousdale (2013). Segundo os autores, os usos linguísticos são instâncias de construções lexicais ou procedurais/gramaticais, entendidas como pareamentos simbólicos de conteúdo e forma, tal como assumido por Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros. Nesse sentido, a língua é tomada como uma rede virtual formada por construções, que se organizam de modo vertical, horizontal e transversal.

Conforme a perspectiva funcionalista da LFCU (Traugott, 2022), consideramos que as construções são convencionalizações virtuais resultantes de construcionalização, ou seja, do estabelecimento de uma nova associação

simbólica de conteúdo e forma que foi replicada na comunidade linguística de modo contínuo. Assim, as instância de uso, ou construtos, são fundamentais para que gradualmente sejam disseminadas mudanças linguísticas entre os usuários capazes de impactar a língua, forjando novas construções. De outra parte, uma vez construcionalizado, o novo pareamento passa a servir de esquema virtual a ser recrutado pelos usuários em suas interações cotidianas, podendo incrementar tanto sua produtividade *type* (do padrão esquemático) ou *token* (do construto), nos termos de Bybee (2007).

Com base na LFCU, podemos considerar que nossos objetos de pesquisa integram um esquema maior de função convidativa, codificado como [bora (X)]_{convid}. Nessa codificação, os colchetes indicam que se trata de um todo de conteúdo e forma unido simbolicamente, formado por uma subparte fixa, o termo *bora*, e uma subparte aberta X, ou *slot*, em que os parênteses significam que X pode ou não ser preenchido. À direita, o esquema recebe, em subscrito, a codificação de sua função, qual seja, a da expressão de um convite. Nos pareamentos mais vinculados, como demonstramos na seção de análise deste artigo, chegamos à convencionalização de um novo membro da classe dos MP, codificado como [bora (X)]_{MPSconvid}.

Aplicados os fatores construcionais formulados por Traugott e Trousdale (2013), podemos considerar que [bora (X)]_{convid} é uma construção parcialmente esquemática, pois tem uma subparte fixa (*bora*) e outra aberta (X). Em termos de composicionalidade, consideramos que esta é relativa, uma vez que ambas as subpartes ainda conservam traços de sua categoria fonte (Hopper, 1991): *bora* é responsável pelo sentido mais básico de convite e X indica a rota ou a direção da proposta, que pode ser mais ou menos metafórica. Com relação ao terceiro fator construcional, assumimos que [bora (X)]_{convid} é uma construção de produtividade *token* parcial, a depender das propriedades pragmático-discursivas dos ambientes de interação, uma vez que sua instanciação é motivada por contextos mais informais, menos monitorados e com maior simetria entre os interlocutores, como ilustramos nos dados de (1) a (4) das seções anteriores; em termos de produtividade *type*,

observamos também ser relativa, pois o preenchimento do *slot* X pode ser feito por intermédio de elementos distintos, como em:

(5) Flamenguista sendo flamenguista, **bora ??**

Só vou seguir quem me seguir !! (instagram @calebitosan).

(6) Saiu vídeo novo no canal!

Descobrimos a luz intra-aglomerado mais distante já medida!

Bora sentir? (<https://x.com/stephanevw>. Acesso em: 14 jan. 2024).

(7) O @petrodriguess está ao vivo trabalhando!

Bora lá dar um alô para ele? (<https://x.com/D20CultureBR>. Acesso em: 28 jun. 2023).

Como podemos observar, os construtos ilustrados de (5) a (7) instanciam [bora (X)]_{convid} com distinções em relação ao *slot* X. Em (5), a microconstrução [bora] sintetiza o convite do locutor flamenguista para que somente o sigam os que torçam pelo mesmo time. Já em (6), o internauta propõe que seus interlocutores descubram a sensação da “luz intra-aglomerado mais distante já medida!” por intermédio da instanciamento da microconstrução [bora sentir], em que X é preenchido por verbo perceptivo, na expressão de um convite que aponta para ação mais abstrata ou sensória. No que se refere a (7), o *slot* X tem peso maior, tanto em termos de conteúdo quanto de forma; por intermédio do construto *bora lá dar um alô para ele?*, o internauta se dirige a seus seguidores com uma proposta mais específica e objetiva; trata-se de um tipo de declaração maior, tanto em termos do convite feito quanto em termos da estruturação em que é veiculada. Na próxima seção, em que analisamos os dados pesquisados, discutimos o impacto do peso de X no nível de vinculação semântico-sintática do esquema convidativo [bora (X)] e mesmo se, no caso de dados como (7), é possível apontar a função de MPS.

Traugott e Trousdale (2013) também mencionam três fatores a partir dos quais é possível classificar as construções da rede linguística. Rosário e Oliveira (2016) associam tais fatores à gramática do português e os ilustram com base em esquemas desta língua. Levando em conta os fatores referidos, podemos classificar [bora (X)]_{convid} como um esquema: a) complexo, uma vez que é formado por duas subpartes (*bora* e X); b) de especificidade intermediária, pois somente uma das duas subpartes é totalmente preenchida e fixa (*bora*); c) de sentido mais procedural quando atua como MPS, pois passa a funcionar no nível pragmático-discursivo, fora do eixo sintático estrito.

De acordo com a LFCU, motivações cognitivas, ao lado das estruturais e das pragmático-discursivas, impactam os usos linguísticos e são responsáveis pela configuração gramatical. Nesse sentido, são relevantes em nossa pesquisa três processos cognitivos de domínio geral, como referidos por Bybee (2010). De acordo com a autora, esses processos não são privativos da língua, mas estão presentes em várias esferas do comportamento humano.

O primeiro processo que nos interessa é a categorização, concernente à tendência de agrupamento de itens que guardam similaridade entre si; trata-se da classificação ou da etiquetagem de elementos que nos parecem pertencer a um mesmo grupo pelo partilhamento de traços. No caso de nossos objetos de pesquisa, a categorização é relevante para a atribuição da função de MPS a alguns dos padrões de uso em análise, uma vez que, segundo a perspectiva da LFCU, as categorias são prototípicas e não aristotélicas. Tal postulado permite a consideração de membros portadores de maior número de traços categoriais, portanto, mais próximos ao eixo central da categoria, enquanto outros membros podem se situar de modo marginal na categoria ou mesmo fora da categoria, dado que são destituídos de alguns ou muitos desses traços. Assim, por exemplo, levando em conta os fragmentos anteriormente ilustrados de (5) a (7), podemos indagar até que ponto ou de que forma as expressões em destaque se inserem na classe dos MPS de subfunção convidativa.

O segundo processo cognitivo relevante para nossa pesquisa é o *chunking*, ou sequenciamento. Trata-se da tendência a processar em conjunto

aquilo que nos é apresentado como um todo. Na esfera linguística, estamos nos referindo à formação de unidades semântico-sintáticas a partir de elementos que são usados em sequência reiteradamente. Esse processo tem relação direta com construcionalização, uma vez que parte do pressuposto de que repetição de padrões cria automação e convencionalização. Nesse sentido, assumimos que instâncias de $[bora(X)]_{convid}$ podem ser processadas como *chunk*, como um todo de conteúdo e forma, ainda que, como assinalamos anteriormente, guarde relativa composicionalidade interna. A depender do preenchimento do *slot* X, o nível de vinculação interna da construção, ou o *chunk*, se firma ou altera, o que permite assumir a gradiência desse processo cognitivo.

A analogização³ é o terceiro processo cognitivo relevante em nossa pesquisa. De acordo com Bybee (2010), seres humanos tendem a reproduzir padrões já convencionalizados, a agir ou a pensar de acordo com modelos disponíveis ou consolidados no trato social, com base em experiências prévias. Em termos linguísticos, a analogização diz respeito à criação de novos modos de dizer, ou de novas construções, a partir de padrões anteriormente fixados e regularizados na rede linguística. Via analogização, podemos produzir novas construções específicas ou ainda subesquemas com base em outros já disponíveis, incrementando a produtividade construcional *type*. Em termos de nossos objetos de pesquisa, consideramos que os vários tipos de possibilidade de preenchimento do *slot* X, na convencionalização de uma série de padrões a partir de um mesmo modelo, é claro exemplo de atuação da analogização.

Em termos metodológicos, constituímos nosso banco de dados por intermédio da coleta de contextos de uso nas redes sociais *Instagram* e *X*. A seleção das duas redes levou em conta as condições pragmático-discursivas mais específicas das interações nestes ambientes virtuais. Voltamo-nos para a coleta em interações que pudessem motivar instâncias de $[bora(X)]_{convid}$, na

3 No texto original, Bybee (2010) utiliza o termo *analogia*; optamos por *analogização* por considerarmos que este termo é mais compatível para a expressão do sentido processual.

consideração de que *Instagram* e *X* são ambientes pouco ou nada monitorados, veiculadores de toda sorte de conteúdos, via de regra em linguagem mais informal e com maior simetria entre os interlocutores, no caso, os internautas. De acordo com Alves (2011, p. 6), no século XXI:

Houve uma democratização e evolução de instrumentos e funcionalidades que resultaram em interatividade e participação dos usuários da internet. Tornou-se dispensável a utilização de profissionais especializados para a publicação de conteúdo digital na grande rede mundial. Desde então, pessoas comuns, com conhecimentos básicos de informática, tiveram seu espaço no mundo digital, podendo expressar seus pensamentos, conhecimentos e opiniões livremente e gratuitamente. Os internautas ganharam o poder de criar e modificar conteúdo na *web*, produzindo novos ambientes hipertextuais. Com as novas tecnologias, ocorreu a redução dos custos de produção e distribuição, resultando na apropriação dos conteúdos de mídia digital por todos os tipos de pessoas.

A declaração do autor vai ao encontro do que constata Marcuschi (2008, p. 200) acerca dos chamados *gêneros digitais* e de sua relevância como rica fonte para a pesquisa da língua em uso:

- 1) são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
- 2) apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
- 3) oferecem a possibilidade de rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
- 4) mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

Embasados em concepções como a dos dois autores, coletamos 422 ocorrências de páginas do *Instagram* e do *X*, no período de janeiro de 2023 a janeiro de 2024. Do total de ocorrências levantadas, 373 foram retiradas da rede *X* e 49 do *Instagram*. O maior número de dados retirados das plataforma *X* se justifica pelo fato de os registros ficarem mais acessíveis e pela possibilidade de pesquisa por meio de ferramenta de busca por datas, o

que não foi possível nas páginas do *Instagram*. Os dados foram levantados por intermédio de ferramentas de busca da palavra *bora*, podendo ou não ser seguida de elemento preenchedor do *slot* X. Do total de 422 ocorrências coletadas inicialmente, descartamos 17, pois se tratava de dados em que a palavra *bora* não expressava sentido convidativo e não era instanciada no esquema [*bora* (X)], assim, analisamos 405 dados efetivamente.

A partir da coleta geral de dados e de uma análise piloto, chegamos à fixação de seis padrões convidativos mais regulares, que nos serviram de critério para a tarefa analítica maior, a ser apresentada na próxima seção. Tais padrões se distinguem por conta do *slot* X, que pode não ser preenchido ou ser ocupado por verbo e complemento, verbo e adjunto, pronome locativo acompanhado de outro elemento ou não. A depender de cada tipo de preenchimento de X, há níveis distintos de vinculação semântico-sintática em relação à primeira subparte *bora* e, conseqüentemente, ao pertencimento de cada padrão à categoria dos MPS.

A pesquisa tem viés sincrônico, com foco no português brasileiro contemporâneo e com base em análise qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016; Lopes, 2022). A adoção do método misto de pesquisa – pautado no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa – pode trazer importantes evidências empíricas no que se refere à descrição dos objetos em foco neste artigo, em consonância com os pressupostos da LFCU. Como ressalta Cunha Lacerda, (2016, p. 88), “a análise de natureza quantitativa, quando aliada à análise qualitativa, pode contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na língua”.

Como fatores de análise, partimos do tipo de preenchimento ou não do *slot* X, levando em conta o nível de *chunking* entre as subpartes *bora* e X, além da verificação das propriedades definidoras dos MP elencadas por Traugott (2022) nos seis subesquemas detectados. Consideramos ainda as propriedades discursivo-pragmáticas dos contextos de uso e o perfil dos internautas, entre outras.

3. Análise de dados

Dividimos esta seção em duas. Na primeira, nos dedicamos a cada um dos seis padrões de uso convidativo em torno de *bora* levantados nos 405 dados em análise. Na segunda seção, procedemos à discussão dos resultados, na proposição de um *cline* de vinculação semântico-sintática a partir dos seis padrões pesquisados, na aferição daqueles que constituem efetivas instanciações da construção [bora (X)]_{MPSconvid}.

3.1. Padrões convidativos a partir do constituinte *bora*

Nesta subseção, apresentamos e analisamos os seis subtipos de configuração de usos convidativos em torno do elemento *bora*. Esses padrões são apresentados seguindo a ordem do menor para maior nível de vinculação semântico-sintática, ou seja, do nível gramatical morfossintático para o nível pragmático-discursivo.

3.1.1. Padrão [bora VO]

Esse padrão é formado pelo termo *bora* seguido de verbo (V) e de seu complemento (O). Constatamos 73 ocorrências desse uso entre os 405 dados analisados. Verificamos, nesse padrão, a menor integração entre os elementos da construção [bora (X)]. Encontramos, nesse padrão, os dados mais composicionais que coletamos, em que o sentido de cada elemento é mais recuperado e em que *bora* e X se encontram menos integrados. Por outro lado, ocorre maior vinculação sintática entre os elementos constituintes do *slot* X, que é preenchido por [VO], correspondente a um predicado verbal.

Vejamos dois exemplos desse padrão:

(8) Time do Catar fraquinho demais. Equador sobrou, mas diminuiu a intensidade no segundo tempo. Podia ter ampliado o placar. Saldo de gol pode ser decisivo na disputa com o Senegal. Agora é contagem regressiva pra nossa estreia! **Bora ganhar o HEXA!** (<https://x.com/MarceloFreixo/status/1594399672789082112>)

(9) Domingo no ateliê foi lindo! Feliz demais por vcs fortalecerem nosso movimento sempre :) A partir daqui ATELIÊ ABERTO TODO DOMINGO nesse esquema, e **bora fazer arte!** (https://x.com/_gostariamos ; Acesso em: 30 jan. 2023).

O fragmento (8) se refere ao período de Copa do Mundo do Catar. O comentário foi feito pelo então deputado Marcelo Freixo acerca do primeiro jogo da Copa entre o país mandante e o Equador. O Equador venceu, mas não goleou a seleção catariana e, com isso, colocou em risco a classificação no grupo que tinha ainda a seleção de Senegal e da Holanda. A seleção brasileira estreou quatro dias depois desse jogo, o que consideramos motivar a ansiedade do locutor ao comentar sobre o tempo para a estreia da seleção brasileira. Constatamos que o convite, nesse padrão, representa uma forma de o locutor atuar sobre os interlocutores com a intenção de motivá-los rumo à vitória. Nesse contexto, o preenchimento do *slot* X por uma forma verbal transitiva coloca em evidência o propósito do locutor para o destaque em relação à expressão que completa esse verbo, usada em caixa alta na mensagem. A especificidade de deixar explícito o objetivo de conquistar o sexto título mundial motiva, portanto, o formato adotado pelo locutor, com a exclamação final: *Bora ganhar o HEXA!*

Na ocorrência (9), presume-se que o ateliê não costuma abrir aos domingos, porém, no dia especificamente relacionado à mensagem, ficou aberto e foi um sucesso. Determinou-se, então, que ficaria aberto todo o domingo a partir daquela data. Esse fato soma-se ao convite para a

participação artística por meio da construção [bora Vo]. O locutor, nesse caso, aproxima-se mais de um interlocutor específico, pois direciona-se ao grupo que compareceu ao evento. O *slot* X é preenchido pelo verbo *fazer* e pelo complemento *arte*. Verbo e complemento formam um *chunk*, fazendo com que possamos identificar dois conjuntos: [bora] e [fazer arte]. Neste caso, o dado apresenta maior composicionalidade, portanto, menor vinculação das subpartes envolvidas da construção.

3.1.2. Padrão [bora VAc]

No Padrão 2, o termo *bora* é acompanhado do *slot* X preenchido por verbo (V) acrescido de adjunto circunstancial (Ac). Levantamos 50 ocorrências desse padrão, que, tal como o anterior, exibe maior composicionalidade, uma vez que a mais estreita vinculação fica por conta de VAc, mais apartada da função convidativa exercida por *bora*. Estamos nos referindo a dados como os seguintes:

(10) Tudo pra mim é motivo pra comer. Tô feliz? Vou comer! Tô triste? Partiu comer! Saio a noite? **Bora comer depois!** (https://x.com/vividinizz_. Acesso em: 18 jan. 2023).

(11) **Bora dormir pra ansiedade ir embora e os problemas desaparecerem** (Instagram @Cavalinhodaparmalat)

No fragmento (10), o internauta expressa seu desejo meio compulsivo por comida e declara exclamativamente *Bora comer depois!* A ordenação final dessa declaração destaca o valor convidativo, ainda que seja presumidamente direcionado ao próprio locutor. Com base em Traugott e Dasher (2002), podemos dizer que se articula um tipo inferência pela qual o locutor associa a ação de comer a diferentes estados emocionais (felicidade, tristeza) e a atividades sociais (sair à noite). Tal como no primeiro padrão apresentado,

neste detectamos maior composicionalidade. Em (10), o *slot* X é preenchido por verbo acompanhado do circunstanciador temporal *depois*. Essa ordenação sintática motiva a identificação de dois *chunks*: [bora comer] e [depois].

Tal como (10), em (11) o internauta parece convidar a si mesmo para dormir, num tipo de expressão motivacional que é partilhada entre seus seguidores. Nesse fragmento, a identificação de dois *chunks* tende a ser mais evidente, por conta do maior peso semântico-sintático da subparte Ac. Assim, temos [bora dormir] e [pra ansiedade ir embora e os problemas desaparecerem].

3.1.3. Padrão [bora lá Y]

Nesse padrão foram classificados 132 dados, entre os 405 de nosso *corpus*. Trata-se do grupo mais produtivo entre os seis detectados. Nos contextos de uso levantados desse tipo de formação, o esquema maior convidativo [bora (X)] tem o *slot* X preenchido com o locativo *lá* seguido de verbo ou adjunto circunstancial, tendo o locativo *lá* maior vínculo com *bora* ou com o constituinte subsequente.

[bora lá Y] apresenta certa autonomia sintática, porém sem constituir ainda a prototípica MPS_{convid} [bora (X)], uma vez que se trata de uma expressão mais pesada que traz o locativo *lá* atuando em prol de relações dêiticas ou anafóricas. Nas instanciações de [bora lá Y], o locativo pode projetar deslocamento físico ou virtual, reorientando atitude, direção ou pensamento. O convite é marcado por incentivo, na direção a um espaço de encontro. Assim como nos padrões anteriores, mantém-se o nível mais avançado de intersubjetividade, visto que o contexto de uso costuma ser marcado por modalizadores ou expressões de convencimento para persuadir o interlocutor, como em:

(12) Brilhe como o sol... 🌞🌟

Seja luz na vida de alguém Porque hoje e sempre é dia de ser feliz... **Bora lá sorrir?** (<https://twitter.com/NicarineNi>. Acesso em: 30 jun. 2023)

A expressão destacada em (12) possibilita mais de uma leitura em termos de vinculação entre os elementos. *Bora lá sorrir?* é um arranjo ambíguo em que podemos identificar segmentações como [bora lá] [sorrir] ou [bora [lá] sorrir].

Em relação aos dois padrões anteriores, constatamos menor composicionalidade em (12). O fato de se fazer um convite por intermédio de uma interrogação no final do enunciado corrobora para o maior *chunk* de *bora lá*. Essa expressão convidativa funciona como uma proposta de chamada, em sequência injuntiva antecedida por verbo no imperativo (*seja, brilhe*).

Começamos, assim, a detectar em contextos como esse o uso de *bora lá* com algumas propriedades da categoria dos MPS, tal como no dado a seguir, que licencia duas possibilidades de vinculação: [bora lá] [dar um alô para ele] ou [bora [lá] dar um alô para ele]:

(13) O @petrodriguess está ao vivo trabalhando!

Bora lá dar um alô para ele? (<https://x.com/D20CultureBR>. Acesso em: 28 jun. 2023).

3.1.4. Padrão [bora V]

Nesse padrão, já estamos diante da construção MPS_{convid} [bora (X)], cujo *slot* é preenchido por elemento verbal, sem complementizador ou circunstanciador, o que acaba por promover a maior vinculação, em termos de sentido e forma, das subpartes *bora* e V. Assim, verificamos que a composicionalidade desse pareamento é menor, firmando-se um *chunk* na função pragmático-discursiva de convite.

Ainda que a produtividade de [bora V]_{MPSconvid} não seja muito significativa, perfazendo somente 43 dos 405 dados em análise, trata-se de instanciações relevantes como membros mais efetivos da classe dos MP do português.

Estamos nos referindo a usos como:

(14) a empresa V tattoo está on e de endereço novo, aguardem os novos flashes e quem quiser fazer orçamento só chegar no (96) 98111-1841 **BORA TATUAR!!!**
(@iilustrav)

(15) **Bora rir**, pq chorar entope o nariz (<https://x.com/teka11960325> ; Acesso em: 17 jan. 2024).

No fragmento (14), temos uma publicação que anuncia uma empresa de tatuagem e que se dirige ao público alvo com o convite para o serviço. A instanciação, em caixa alta e acompanhada de três pontos de exclamação, destaca para os internautas a proposta da empresa V tattoo. **BORA TATUAR!!!!** é instanciada na parte final da publicação e dissociada do restante do texto, como um apelo para que os leitores aceitem a proposta veiculada.

Em (15), *bora rir* se situa em posição inicial do *tweet*, num tipo de arranjo altamente vinculado e descolado do segmento subsequente. O MPS_{convid} incentiva os internautas, de forma irônica, a ter uma postura positiva e bem humorada em relação à vida e aos acontecimentos. Observamos, em ambas as postagens, que se trata de sequências marcadas por informalidade e certa intimidade, num estilo distenso que aproxima os interlocutores.

Em seções anteriores deste artigo, nos exemplos (1), (4) e (6), temos instanciações do mesmo padrão, ilustradas nas microconstruções [bora comer], [bora viajar] e [bora sentir], respectivamente.

3.1.5. Padrão [bora lá]

Esse padrão tem o *slot* X preenchido exclusivamente pelo locativo *lá*, perfazendo 75 dos 405 dados investigados. Constatamos que, ainda que o locativo *lá* possa ter papel fórico, tende a atuar mais fortemente vinculado a *bora*, na expressão de uma só unidade de conteúdo e forma. Assim, as subpartes *bora* e *lá* passam a funcionar conjuntamente na expressão de sentido convidativo como instâncias do subtipo esquemático [bora lá]_{MPSconvid}, conforme ilustramos a seguir:

(16) Hey tio vc! Vai na feira de adoção de gatos no reserva cultural nos conhecer e curtir muita moda, gastronomia e show? **Bora lá!** (Instagram @bichineosbichineos)

(17) “A sua energia chega antes de suas palavras. Não adianta falar bonito e não ter boas intenções.”

Que seja um dia cheio de coisas boas e energia positiva!

Bora lá 😊?

Façamos todos um bom dia!

Força sempre! (<https://x.com/RegisSouza13BH>. Acesso em: 29 jun. 2023).

O fragmento destacado em (16) tem sentido convidativo, pois corresponde a uma resposta/convide à pergunta feita pelo locutor ao interlocutor, chamado *tio*, para conhecer a feira de adoção e apreciar as atividades do lugar. O locutor interage com esse interlocutor genérico, visto que qualquer pessoa que tenha interesse em adoção de animais pode atender pelo vocativo carinhoso e genérico *Hey tio vc!*. O locativo *lá*, nesse caso, aponta anaforicamente para um espaço específico referido no texto, a feira de adoção, um *lôcus* concreto, o que concorre para a relativa composicionalidade de *bora lá*. A instanciamento da construção convidativa [bora lá] nesse fragmento é feita em posição final, posposta à pergunta do internauta, no tipo de ordenação mais produtiva desse

padrão. Com base em Traugott e Dasher (2002), verificamos o desejo do locutor em atuar sobre o interlocutor, dirigindo-se genericamente a todos os que leem o *post* publicado e que têm interesse no tema do evento, envolvendo-os no jogo interacional.

Já em (17) o chunk *bora lá* é maior, uma vez que o pronome *lá* é multifuncional. Em perspectiva anafórica, o item retoma o referente temporal *um dia cheio de coisas boas e energia positiva*; em termos catafóricos, pode se referir a *um bom dia*.

Como podemos observar em ambos os fragmentos, há muitas marcas de intersubjetividade, próprias de sequências injuntivas. Vocativos, verbos no imperativo, interrogações e exclamações, emojis, entre outros recursos, atuam, junto a *bora lá*, como estratégias de persuasão e convencimento. Esse mesmo tipo de orientação pragmático-discursiva constatamos também em dois dados comentados anteriormente neste artigo a partir da instanciação de [bora lá]_{MPSconvid}: os de número (2) e número (3).

3.1.6. Padrão [bora]

Verificamos que [bora], principalmente por não ter a presença de uma estrutura complexa subsequente a preencher o *slot* X, contempla de modo mais pleno as propriedades dos MPS apontadas por Traugott (2021, 2022), bem como os quatro traços referidos por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para essa categoria. Nos termos desses autores, os MP são constituintes não veiculadores de valor de verdade, estão apartados do eixo sintático e demarcamos prosodicamente, constituem estruturas leves e atuam a serviço da negociação de sentidos inferenciais, ao nível pragmático-discursivo.

Dos 405 dados sob pesquisa, em 32 ocorrências levantamos instanciações do MPS_{convid} [bora], o que indica a baixa produtividade desse padrão, não chegando a constituir 10% do total. Nessas 32 instanciações de [bora]MPS_{convid}, observamos que o não preenchimento do *slot* X é motivado

também pela tipologia injuntiva, que visa a agir sobre o interlocutor, no convite a que tome alguma atitude ou faça algum procedimento.

A instanciação do MPS_{convid} [bora] destaca o valor convidativo, sintetizando a proposta veiculada pelo locutor, como em:

(18) Um ciclo vai se encerrando, mas tem outro prontinho para começar. **Bora?**
(Instagram @quesejapuro)

(19) Certeza que ela amou, @araketu! Que delícia de som, que música boa pra dançar!

Bora, aumenta o som, arreda os móveis e vem com a gente! Se joga na onda do amor!

(https://x.com/Engaja_Gabi. Acesso em: 28 jan. 2023).

Podemos constatar que os termos destacados em (18) e (19) contemplam os traços definidores da classe dos MPS, de acordo com os autores referidos anteriormente. Em (18), o MPS_{convid} [bora] é instanciado ao final da declaração do internauta, sintetizando o convite para que seus seguidores valorizem uma nova fase da vida, no partilhamento da expectativa positiva acerca de um novo ciclo. No fragmento (19), o convite é menos abstrato, uma vez que se refere à proposta para uma dança; após a instanciação do convite inicial a partir de *bora*, o internauta orienta seus seguidores para o que deve ser feito: *aumenta o som, arreda os móveis e vem com a gente! Se joga na onda do amor!*

Em ambos os dados, a instanciação de [bora]_{MPSconvid} atua em prol do convite para o partilhamento de pontos de vista, crenças ou atitudes. Trata-se de usos ao nível pragmático, fora do eixo sintático, cuja função é a persuasão, na composição de sequências injuntivas, informais e simétricas. Os mesmos traços aqui atribuídos ao padrão [bora] são detectados também no fragmento (5), comentado em seção anterior deste capítulo.

3.2. Apresentação e discussão dos resultados gerais

Trazemos nesta subseção a síntese dos resultados obtidos, refletindo sobre os mesmos na perspectiva da LFCU. O primeiro resultado é de viés quantitativo, com a distribuição dos 405 dados sob análise pelos seis padrões especificados em 3.1:

Padrão 1	[bora VO]	73
Padrão 2	[bora VAc]	50
Padrão 3	[bora lá Y]	132
Padrão 4	[bora V]	43
Padrão 5	[bora lá/]	75
Padrão 6	[bora]	32

Tabela 1: Padrões convidativos a partir de *bora* (Sá, 2024, p. 44)

Os números referidos na Tabela 1 apontam que a efetiva construção [bora (X)]MPS_{convid} tem baixa produtividade nos dados em análise, o que pode indicar que se trata ainda de um padrão pouco frequente. Os tipos convidativos 1, 2 e 3, que são mais composicionais e têm o *slot* X preenchido por itens mais pesados em termos semântico-sintáticos, perfazem 255 dados entre os 405 pesquisados, enquanto os padrões 4, 5 e 6, como formações mais vinculadas, constituem 150 dados. Desse segundo contingente, o padrão menos complexo, formado somente por [bora] e que reúne o maior número de propriedades dos MPS_{convid}, tem o menor número de dados, com somente 32 registros.

A produtividade dos seis padrões, aliada à consideração dos distintos níveis de vinculação de conteúdo e forma que apresentam, nos permite postular o seguinte *cline*, sintetizado na Tabela 2:

PADRÕES	Nível sintático-gramatical	Nível intermediário	Nível pragmático-discursivo
	[bora Vo] [bora VAc] [bora lá Y]	[bora V] [bora lá]	[bora]
	Total: 255	Total: 118	Total: 32

Tabela 2: *Cline* de vinculação semântico-sintática dos padrões convidativos a partir de *bora* (adaptado de Sá, 2024, p. 73)

A Tabela 2 apresenta os seis padrões da construção [bora (X)]_{convid} distribuídos no *cline* gramatical que vai da sintaxe, no nível gramatical mais estrito, à pragmática, no nível discursivo, fora do eixo sintático. Em todas as seis formações, há a veiculação de convite do locutor a seu(s) interlocutor(es), porém esse sentido é expresso sob configurações distintas. Essa tabela revela também a gradiência do português e a emergência gramatical, como referidas por Bybee (2010), uma vez que flagra o item *bora* em padrões de uso distintos convivendo na contemporaneidade.

Levando em conta as propriedades dos MP apontadas por Traugott (2021, 2022) e os traços identificados por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), verificamos que: a) os padrões 1, 2 e 3 não portam tais propriedades, assumindo funções mais ao nível gramatical *stricto sensu*; b) os padrões 4 e 5 apresentam alguns traços da categoriais dos MP, porém com relativa vinculação semântico-sintática em relação à declaração hospedeira; c) o Padrão 6 ocupa o eixo central da classe dos MP, contemplando os traços definidores desse grupo modo mais efetivo. Tal condição destaca, portanto, a prototipicidade categorial assumida pela LFCU, demonstrando que nossos

objetos de pesquisa podem ou não se vincular à classe dos MP, e, caso se vinculem, podem ocupar seu eixo central ou se localizar marginalmente aí.

As tabelas 1 e 2 apontam ainda os distintos graus de vinculação semântico-sintática dos seis padrões pesquisados, ou seja, seus níveis de *chunking*, como assume Bybee (2010). Assim, consideramos que: a) nos padrões 1, 2 e 3 a vinculação de *bora* à subparte X é menor, uma vez que esta é mais pesada, no conteúdo e na estrutura, o que a faz assumir maior autonomia; b) nas formações 4 e 5 o pareamento entre *bora* e X é maior, uma vez que a segunda subparte é preenchida por um só constituinte; neste conjunto, constatamos que [bora lá] é um agrupamento mais vinculado ainda em relação a [bora V], por conta de *lá* ser um item leve, monossilábico e pronominal; c) no Padrão 6 a função MP é cumprida somente pelo constituinte *bora*, demonstrando sua multifuncionalidade e sintetizando a função MPS convidativa.

A distribuição das expressões convidativas pesquisadas em seis padrões destaca ainda o processo cognitivo de analogização, demonstrando a produtividade *type* do esquema convidativo [bora (X)]. O fato de que formações menos vinculadas entre si, como os padrões 1, 2 e 3, terem maior produtividade *token* e se encontrarem no nível gramatical sintático pode indiciar que teríamos aí os contextos que serviram de fonte para a convencionalização dos padrões 4, 5 e 6 via analogização, porém somente uma pesquisa histórica, que investigue sincronias pretéritas a partir da análise de contextos de uso, poderá apontar micropassos de mudanças construcionais que teriam motivado esse caminho de construcionalização.

Considerações finais

Nossa pesquisa demonstra que necessidades comunicativas levam os usuários à criação de novos modos de atuar uns sobre outros via inferências sugeridas, como assumem Traugott e Dasher (2002), tal como na formulação de convites. Trata-se de propostas para deslocamentos físicos ou abstratos,

para partilhamento de pontos de vista ou crenças, forjadas em ambientes pragmático-discursivos marcados por informalidade, simetria entre os interlocutores e reduzido monitoramento. Desses contextos, emergem e se fixam padrões mais ou menos convencionais, alguns dos quais vão derivar em mudanças linguísticas que ampliam a classe dos MPS da língua.

O levantamento e a análise dos padrões de uso convidativo a partir do elemento *bora* no português contemporâneo do Brasil apontam seis formações específicas instanciadas com base no esquema [bora (X)]. Tais formações revelam níveis distintos de vinculação semântico-sintática entre as duas subpartes que integram o referido esquema, a partir do tipo de preenchimento do *slot* X. Essas seis formações se distribuem distintamente na gramática do português, estabelecendo-se um cline de derivação que vai dos padrões mais sintáticos (1, 2 e 3), aos intermediários (4 e 5) e chegando ao efetivamente pragmático-discursivos (6). Constatamos que os três últimos (4, 5 e 6) atestam a mudança linguística, na convencionalização de novos membros da classe dos MPS_{convid}. Assim, os 405 dados sob análise, de acordo com Bybee (2010), atestam ainda a gradiência dos usos linguísticos e a atuação dos processos cognitivos de categorização, *chunking* e analogização.

Em termos construcionais, conforme Traugott e Trousdale, 2013, constatamos que os seis padrões de uso convidativo têm sua produtividade distribuída relativamente entre formações mais ou menos vinculadas, tendo o Padrão 6 menor frequência, o que permite hipotetizar ser [bora]MPS_{convid} uma construcionalização mais recente na língua. Com relação à esquematicidade, assumimos os seis padrões levantados como subfamílias, ou subesquemas, do esquema maior [bora (X)] de função convidativa; esses subesquemas, por sua vez, exibem distintos graus de vinculação entre as subpartes, e são dispostos num contínuo que culmina no *type* específico, ou microconstrução [bora], já efetivamente na classe dos MPS_{convid}.

Consideramos que os resultados que apresentamos neste artigo, em perspectiva sincrônica, devem ser complementados por pesquisa histórica, voltada para contextos de uso em torno da palavra *embora*. É preciso atestarmos

a rota, ou o conjunto de micropassos contextuais, que faz com que esse elemento seja recrutado na contemporaneidade para a formação de padrões convidativos produtivos e convencionalizados no português do Brasil. Trata-se de mais uma proposta na vasta agenda de pesquisa dos esquemas construcionais da língua.

Referências

ALVES, Claudio Diniz. Informação Twitosfera. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, 2011.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBER, Douglas et al. **Longman grammar of spoken and written English**. Harlow, Essex: Pearson Education, 1999.

BYBEE, Joan. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CORREA, Cristian Matias do Nascimento. **Instanciações de [sei lá] em dois padrões construcionais do português brasileiro contemporâneo**. 209 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2025.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.

CROFT, William. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press. 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ªed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FONSECA, Monique Borges Ramos. **Chega aí e vem cá: uma análise contrastiva e funcional centrada no uso**. 168 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2023.

FRASER, Bruce. Types of English discourse markers. **Acta Linguistica Hungarica**, v. 38, p. 19-33, 1988.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, p. 13-40.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania. **On the rise of discourse markers**. Researchgate. Preprint, june. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 de jun. 2019.

HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey; PETERSON, Peter. Coordination and supplementation. In HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey (eds) **The Cambridge Grammar of the English Language**. Cambridge: Cambridge University Press, Chapter 12, 2002.

ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**. 4. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, v. II, 2002, p. 181-198.

LOPES, Monclar Guimarães. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: EdUFF, 2022, p. 201-232.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2016. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/embora/>

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; CORREA, Cristian Matias do Nascimento. O chunk [sei lá] em duas construções do português contemporâneo do Brasil. **(Con)textos Linguísticos**. v.18, p.289 - 308, 2024.

OLIVEIRA, Mariangela Rios.; FONSECA, Monique Borges Ramos. O marcador discursivo ‘chega aí’: construcionalização e paradigmaticização. **Revista Linguística**, v.19, p.160-182, 2023.

RISSO, Mercedes; SILVA, Giselle de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 371-482.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador – argumentativa: uma análise cognitivo-funcional**. 217 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). **Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, métodos e aplicação**. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: Ed. da EdUFRO, 2023.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

SÁ, José Jorge Gomes de. **A construção convidativa [bora (X)] sob a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso**. 82 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2024.

SAID ALI, Manuel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. **Cadernos de Linguística**. Abralín, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Discourse structuring markers in English**. John Benjamins Publishing Company. 2022

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. 2013. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. 2002. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião Josué; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et postgrammaticalisation. **Langues et Linguistique**, Québec: Université Laval, 1993, n. 19.